



## Cronologia biográfica

**1845**



Os pais de Eça

(Fonte: <http://www.escriborecursos.pt/escritores.aspx?Id=4>)

A 25 de novembro, numa casa da Praça do Almada, Póvoa de Varzim, nasce José Maria de Eça de Queirós, filho do delegado da comarca, José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, e de D. Carolina Augusta Pereira de Eça. A natureza ilegítima da relação dos progenitores resulta no registo de Eça como filho de “mãe incógnita”. Um escândalo à luz da época, dirimido por força do casamento dos pais quatro anos após o seu nascimento. No entanto, como consequência do embaraço social, Eça fica a viver em casa dos avós paternos até perfazer 10 anos. Esta preterição de afetos deixará marcas visíveis em toda a ficção queirosiana.

**1855**

Eça vai viver com os progenitores e os seus quatro irmãos, no Porto, em razão do falecimento da avó, na ocasião já viúva, mas é matriculado, em regime de internato, no Colégio da Lapa. Aqui concretiza os estudos secundários e estabelece uma relação de amizade e de futura colaboração criativa com Ramalho Ortigão, à época o seu professor de Francês.



Ramalho Ortigão e Eça de Queirós

(Fonte: <http://www.escriborecursos.pt/escritores.aspx?Id=4>)



Coimbra, vista panorâmica - 1870

(Fonte: [http://portugal.VisitPortugal.com/imagens/5421/vista421r\\_p120.html](http://portugal.VisitPortugal.com/imagens/5421/vista421r_p120.html))

Inscrito na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, por imposição paterna, conhece Teófilo Braga, Guerra Junqueiro e Antero de Quental - entre outros futuros intelectuais e poetas -, com quem se reúne para debates ideológicos em defesa de novas correntes europeias de pensamento e de escrita. É neste contexto que se instala a célebre polémica literária, apelidada de “Questão Coimbrã” (1865-1866), resultante do confronto entre os defensores da velha escola ultra romântica – de que se destaca António Feliciano de Castilho -, e os jovens estudantes de Coimbra, encabeçados por Antero de Quental, que se batem por uma verdadeira renovação cultural, de intervenção social e cariz realista. Apesar de ter optado por se distanciar da quezília, Eça acabará por se tornar um dos membros mais ativos da cognominada Geração de 70.



O grupo do Cenáculo

(Fonte: <http://www.escriborecursos.pt/escritores.aspx?Id=4>)



Participantes das Conferências do Casino Lisboense

(Fonte: [http://www.tnccares.pt/ach/cvcoimbra/13000045\\_foto\\_05.jpg](http://www.tnccares.pt/ach/cvcoimbra/13000045_foto_05.jpg))

Coimbra - Jardim da Universidade

(Fonte: [http://www.tnccares.pt/ach/cvcoimbra/13000045\\_foto\\_05.jpg](http://www.tnccares.pt/ach/cvcoimbra/13000045_foto_05.jpg))



(Fonte: <http://www.museuportugal.com.br/wp-content/uploads/2014/11/coimbra-eca.jpg>)

**1866**

Terminada a licenciatura, fixa-se em Lisboa, no 4.º andar do n.º 26, no Rossio. Inscreve-se como advogado no Supremo Tribunal de Justiça e começa a publicar folhetins dominicais no jornal “Gazeta de Portugal”, postumamente reunidos num volume intitulado “Prosas bárbaras”. Funda o periódico “O distrito de Évora”, onde teoriza, na primeira edição, os princípios orientadores da atividade jornalística moderna. Retorna a Lisboa, em julho de 1867, e junta-se ao grupo do “Cenáculo”, que restaura o ambiente tertuliente de Coimbra. Participa com dois dos seus membros - Antero de Quental e Jaime Batalha Reis -, na criação da personagem de Carlos Fradique Mendes, entretanto transposta para um livro chamado “Poemas de Macadame”.



Lisboa, Praça D. Pedro V (Rossio) – fim do séc. XIX – princípio do séc. XX

(Fonte: <http://portugal.VisitPortugal.com/imagens/1962/rossio.html>)

**1869**

Na qualidade de correspondente do “Diário Nacional” assiste à histórica inauguração do Canal do Suez, no Egipto. Dali parte para uma visita de seis semanas à Palestina. As suas notas de viagem servirão, mais tarde, para escrever “A relíquia” e sustentar a incursão que o protagonista da história, Teodorico, faz a Jerusalém.

# Comemorações do 170.º aniversário de nascimento



## Cronologia biográfica

### 1870

É nomeado Administrador do Concelho de Leiria, por despacho de 21 de julho, distanciamento geográfico que não o impede de, em coautoria com Ramalho Ortigão, publicar, nas páginas do Diário de Notícias, folhetins epistolares, que rapidamente causam furor. “O mistério da Estrada de Sintra” – assim se chama a narrativa de cariz policial -, é posteriormente editado em livro. Mas a parceria de ambos não se esgota naquele projeto literário pois, em 1871, é lançado no mesmo jornal o primeiro número de “As farpas”. Nesse período, Eça profere a palestra “O realismo como nova expressão de Arte”, integrada nas Conferências do Casino Lisbonense.



Eça em Havana, 1872  
(fonte: <http://www.escriitoranorte.pt/escritores.aspx?Id=4>)

### 1872

Inicia a sua carreira diplomática como cônsul, em Havana - facto que determina o fim da colaboração com Ramalho Ortigão -, seguindo-se Newcastle (1874) e Bristol (1878). Uma fase de profícua produção literária de que resultam “O crime do Padre Amaro”, “O primo Basílio”, “A capital” - editada 25 anos após a sua morte -, e a “Relíquia”, entre outros títulos. Paralelamente, Eça mantém a atividade jornalística publicando esporadicamente, no Diário de Notícias, a rubrica “Cartas de Inglaterra”. Em 1886, depois de um tempo de convalescença em Portugal, casa-se com D. Emília de Castro com quem tem quatro filhos.



Eça noivo, 1886  
(fonte: <http://www.escriitoranorte.pt/escritores.aspx?Id=4>)



Eça de Queirós com a sua filha primogénita  
(fonte: <http://www1.dolha.acd.com.br/colha/galeria/imagens/150ca/2.jpg>)



D. Emília de Castro, esposa do escritor, e os quatro filhos  
(fonte: <http://photos1.blogger.com/x/blogger/2/1811/4347/40X/21534/far%3Ffile%2D%2DCastro%2D%2Dfilhos.jpg>)



Eça com os dois filhos mais velhos, Maria e José Maria  
(fonte: [http://www.imagem.pt/obras/colha/colha/190000005\\_006\\_01.jpg](http://www.imagem.pt/obras/colha/colha/190000005_006_01.jpg))



(fonte: <http://cdh.luso-art.com/wp-content/uploads/2013/05/ECAPATA-de-Queiroz-com-sua-esposa-em-Paris-1886.jpg>)

### 1888

Eça é nomeado cônsul, em Paris, e lança, nesse mesmo ano, o romance “Os Maias”, considerado a sua obra-prima. Junta-se ao grupo “Vencidos da vida”, que reúne alguns dos antigos membros da “Geração de 70” e funda, em 1889, na capital francesa, a “Revista de Portugal”. Em 1894, inicia a escrita de “A ilustre casa de Ramires”, organiza, juntamente com José Sarmento e Henrique Marques, os almanaques enciclopédicos para os anos de 1896 e 1897 e, em 1898, publica na Revista Moderna o conto “O suave milagre”.



Eça em Paris, 1888  
(fonte: <http://www.escriitoranorte.pt/escritores.aspx?Id=4>)

### 1900

Após doença prolongada, Eça de Queirós morre a 16 de agosto, na sua casa em Neully-sur-Seine, com a idade prematura de 55 anos. O corpo é entretanto trasladado para Portugal e sepultado no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa. Para a história fica um legado literário de extraordinário valor e atualidade. Fica *ad aeternum* a herança daquele que, para Vergílio Ferreira, é o “maior artista português de todos os tempos”<sup>1</sup>.



Estátua de Eça de Queirós na Póvoa de Varzim  
(fonte: <http://www.escriitoranorte.pt/escritores.aspx?Id=4>)

<sup>1</sup> FERREIRA, Vergílio - Um escritor apresenta-se. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, imp. 1981. 456 p.

#### Outras fontes bibliográficas:

<http://www.luso-livros.net/biografia/eca-de-queiros/>; <http://faroldasletras.no.sapo.pt/eca.html>; <http://www.feq.pt/eca-de-queiroz.html>; <http://purl.pt/93/1/biobibliografia/1871-1880.html>; [http://jbo.no.sapo.pt/eca/eca\\_de\\_queiros\\_bio\\_main.htm](http://jbo.no.sapo.pt/eca/eca_de_queiros_bio_main.htm); [http://www.uc.pt/antigos-estudantes/perfil/perfil\\_memorias/eca\\_queiroz](http://www.uc.pt/antigos-estudantes/perfil/perfil_memorias/eca_queiroz); <http://www.infopedia.pt/eca-de-queiros>.



## Eça de Queirós: afinidades a Ponte de Lima

**Eça de Queirós (1845-1900)**, poveiro de berço, está ligado por afinidades de parentesco e de amizade a Ponte de Lima. A primeira referência ao elo descrito surge por laços genealógicos, em razão de o pai, José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, exercer o cargo de Delegado do Procurador Régio, em Ponte de Lima. Disso mesmo nos dá conta uma carta dirigida à então companheira, D. Carolina Augusta Pereira de Eça, datada de 18 de novembro de 1845 – sete dias antes do nascimento do proeminente escritor -, e transcrita na obra de Severino Costa - *Eça de Queiroz: subsídios biográficos* -, que agora se reproduz:

Senhora:

Ponte de Lima, 18 de Novembro de 1845.

Recebi carta de meu pai, que novamente me recomenda a criação de meu filho, e se me oferece para mandá-lo criar no Porto, em companhia de minha família quando a senhora nisto convenha. Espero, pois, a sua resposta para nessa diligência escrever a meu pai.

Ele recomenda igualmente — e também o desejo — que no assento de baptismo se declare ser

meu filho, sem todavia se mandar anunciar o nome da mãe. Isto é essencial para o destino futuro de meu filho, e para que, no caso de se verificar o meu casamento consigo — o que talvez haja de acontecer brevemente — não seja precisa em tempo alguma justificação de filiação. Espero se ponha ao nosso filho o meu ou o seu nome, conforme deva ser. Acredite sempre nas minhas sinceras tenções — e agora mais do que nunca. Queiroz.



Não importa aqui esmiuçar o conteúdo da missiva, remetida a Viana do Castelo, local de residência da mãe de Eça que, apavorada com o seu estado de embarço, rumou à Póvoa de Varzim para o parto, encarregando

terceiros da educação e dos afetos do filho. Interessa, sim, explorar a outra afinidade a Ponte de Lima decorrente da amizade de Eça ao renomado poeta da terra, **António Feijó (1859-1917)**, com quem partilhou a carreira da diplomacia política e a arte das Letras. Efetivamente, apesar dos catorze anos de diferença entre ambos, há registos enunciados por A. Campos Matos, na obra *O mistério da estrada de Ponte do Lima: António Feijó e Eça de Queiroz*, de que o autor limiano privava com alguns dos espíritos mais esclarecidos do seu tempo, de que se destacam, além de Eça, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Luís de Magalhães, entre outros. Não há documentação epistolar entre os dois escritores, mas em numerosas cartas do autor de *Os Maias* para a esposa, D. Emília de Castro - e vice-versa, cumpre dizê-lo -, surgem referências concretas e frequentes ao convívio com o poeta limiano: **“Não te escrevi ontem porque estive incomodado. Arranjei uma tremenda indigestão, não sei se no pérfido Espanhol onde banqueteara com Feijó – se depois com umas batatas fritas à americana, tomadas em forma de ceia”**.<sup>2</sup> Observação a que D. Emília de Castro, sempre apreensiva com as perturbações gástricas do marido, responde numa carta datada de 19 de agosto de 1893: **“Sinto imenso a tua indigestão, está claro que foram as batatas, pois quem janta no Espanhol não precisa cear; a companhia do Feijó é temível para as saúdes, não se contenta de arruinar a sua, e arrasta os amigos para ver se os põe azuis ou verdes como ele”**.<sup>3</sup>

Não havendo espaço para as múltiplas alusões à camaradagem de ambos, e ao acompanhamento das respetivas carreiras além-fronteiras, transpõem-se apenas duas notas de Feijó a respeito de dois momentos marcantes da obra e vida de Eça. A primeira, extraída da habitual correspondência com Luís de Magalhães, seu condiscípulo em Coimbra e melhor amigo, resulta da apreciação de Feijó ao recém-lançado romance *Os Maias*, um juízo que não vaticina o sucesso retumbante da obra: **“Já cá chegaram (...). Parece-me que o Queiroz não fez outro «Crime do Padre Amaro». «Os Maias» davam à vontade 4 ou 5 belos romances, mas assim tudo junto, à parte belezas incontestáveis, e personagens admiravelmente criadas, fez uma trapalhada com toda a velha piperie de Ana de Radcliff. Agora é que principiou a publicar na «Gazeta de Notícias» uma série de folhetins que vão ser decerto uma obra prima. Intitulam-se «A correspondência de Fradique Mendes». Já vou no 5.º ou 6.º descrevendo o personagem. O último termina no Egipto, num quarto de hotel, com Fradique, M. Queiroz e Théophile Gautier. Se ainda não chegou esta novidade e a quiseres manda-me dizer que posso enviar jornais”**.<sup>4</sup>

A segunda nota, tristemente redigida, decorre da extraordinária coincidência de Feijó visitar Eça, na sua casa parisiense de Neuilly, na própria hora de falecimento do autor. O relato, composto já em Estocolmo, nove dias após o fatídico acontecimento, é amargurado e sentido: **“(…) Imaginava que o pobre Queiroz estava na Suíça e o Rosa em Contrexéville. Não fui procura-los por isso logo no primeiro dia da minha chegada e estava até disposto a partir sem ir a casa deles por falta de tempo. Como porém na véspera da partida fui a Passy para ver uma tia da minha noiva, por descargo de consciência mandei o cocheiro bater para Neuilly, com a intenção de deixar bilhetes ao Queiroz e à D. Emília participando-lhes o meu casamento. Imagina tu do meu espanto e da minha dôr quando à entrada da porta, perguntando ao concierge se os senhores já tinham voltado da Suíça, este me responde, o senhor Queiroz morreu agora mesmo! Fiquei como fulminado, e nem me atrevi a entrar. Corri para casa do Rosa, ao acaso, para perguntar onde morava o Bartolomeu Ferreira e dar-lhe parte do acontecido. Quando cheguei à legação encontrei o Rosa a sair a porta. Já sabia e ia para Neuilly. Tinha chegado dois dias antes de Contrexéville e tinha naquela manhã estado na casa do Queiroz, a conversar muito animadamente, porque o nosso grande amigo nunca soube que ia morrer! Deixa os filhos e a mulher, segundo creio, em muito má situação. Não me parece porém que o Parlamento possa recusar uma pensão tendo-a votado aos filhos do Camilo e João de Deus. Eu lembrei isto ao Rosa, antes de partir. Passei a noite com ele em Neuilly, regulando e discutindo com o cangalheiro os detalhes do enterro. Quando havia de eu pensar semelhante coisa! (...)”**.<sup>5</sup>

Mas a convergência entre Eça e Feijó não se esgota nas relações sociais e de afeto. O já citado A. Campos Matos identificou uma semelhança literária que poucos conhecem. Cerca de uma década depois de a dupla Eça/Ramalho ter remetido ao *Diário de Notícias* os folhetins epistolares, em jeito de narrativa policial anónima, intitulados *O mistério da estrada de Sintra*, António Feijó endereçava ao *O Comércio do Lima* cartas de denúncia de um hipotético crime ocorrido em Faldejães, entretanto conhecido por *A história dos carecas*. Narra a primeira o seguinte acontecimento:



«Sr. redactor. – Na sexta-feira passada, pelas 2 horas da noite, na ocasião em que seguia desta vila para Coura, um pouco adiante da casa das Senhoras Gamas<sup>1</sup>, em Faldejães<sup>2</sup>, deparou-se-me um quadro, que a princípio nada tinha de extraordinário, mas que foi tomando proporções aterrorizantes. A noite estava escuríssima. De repente, parei. Parecia-me ouvir a distância uns grunhidos roucos de alguém a quem pretendessem estrangular. Piquei de esporas o cavalo. Os gritos tornavam-se cada vez mais distintos, quase ao pé de mim. Apeei e acendi fósforos. Na banquetta da estrada estava estirado um homem, com os pés e as mãos atados por umas cordas delgadas e fortes.

«Não tinha ferimentos visíveis, mas estava horrivelmente desfigurado.

E assim prosseguia o intricado enredo de crime e mistério, com esmiuçados detalhes acerca do suposto delito e dos seus intervenientes. No entanto, constrangimentos de natureza espacial impossibilitam a transcrição deste e de outros excertos, retirados de *O mistério da estrada de Ponte do Lima*, pelo que convidamos os nossos utilizadores a visitar a **mostra comemorativa dos 170 anos de nascimento de Eça de Queirós** e a deliciar-se com a obra de A. Campos Matos, que sustenta a ligação, por afeto, do autor de *A relíquia* a um dos maiores vultos da cultura literária limiana.

<sup>1</sup> COSTA, Severino – *Eça de Queiroz: subsídios biográficos*. Viana do Castelo: [s.n.], 1979, pp. 29-30

<sup>2</sup> MATOS, A. Campos – *O mistério da estrada de Ponte do Lima: António Feijó e Eça de Queiroz*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001. ISBN 972-24-1176-4, p. 11

<sup>3</sup> *Idem, ibidem*

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p. 13

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p. 14

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p. 31